



## TV Universitária: possibilidades de diálogo com o Jornalismo Científico<sup>1</sup>

Ana Paula Azevedo<sup>2</sup>

Cristina Vila Nova<sup>3</sup>

Helton Nóbrega<sup>4</sup>

Olga Tavares<sup>5</sup>

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

### RESUMO

O início das atividades dos jornalistas que escreviam sobre ciência é marcado no Brasil na década de 80. A importância da cobertura jornalística sobre C&T passa a receber mais destaque e as relações entre os discursos científicos e jornalísticos são questionadas. Nesse contexto destacamos as contribuições do Jornalismo Científico para a sociedade enquanto ferramenta de inovações na divulgação da ciência. Na perspectiva em conhecer a informação científica produzida na UFPB, em sua inserção na TV Universitária como um dos meios de comunicação que possibilita a prática do Jornalismo Científico, analisaremos o programa Conexão Ciência através do levantamento das pautas voltadas à temática sobre meio ambiente. E, a partir disso, verificaremos quais são as características do Jornalismo Científico inseridas nas discussões desenvolvidas no meio acadêmico.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo científico; televisão universitária; meio ambiente; programa conexão ciência.

### O Jornalismo Científico como Prática Acadêmica

Na produção e domínio da informação temos a mídia televisiva, e entre este processo de disseminação encontra-se a informação científica especialmente em âmbito acadêmico. Nesta abordagem, destacamos a Televisão Universitária como uma mídia de caráter social que pode possibilitar uma maior divulgação do conhecimento científico por meio das representações das pesquisas desenvolvidas na Instituição.

Destacar a mídia televisiva como processo de formação do indivíduo traz

---

<sup>1</sup> Mesa apresentada na Sessão Comunicação Audiovisual (cinema, rádio e televisão), da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social-Radialismo da UFPB, email: azevedo.ap@hotmail.com.

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social-Jornalismo, bolsista PIBIC e mestranda do PPGCI da UFPB, email: cvnvida@yahoo.com.br.

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Comunicação Social - Radialismo da UFPB, email: helton\_nobrega@hotmail.com

<sup>5</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB, email: olgatavares@cchla.ufpb.br.



questões reflexivas sobre a prática da Educomunicação no ambiente de disseminação da informação científica em instituições de ensino superior. Retratando desse modo as peculiaridades do Jornalismo Científico – JC, na Universidade Federal da Paraíba, através do programa Conexão Ciência, veiculado pela TV UFPB. Diante disso, observamos o campo de atuação do profissional, cujo perfil está sendo construído na prática da ação comunicativa em espaços educativos como este.

A comunicação é fator prioritário para o processo educativo e a mediação dos dois campos deve ser compreendida enquanto construção de valores éticos e estéticos. Aprender é um processo também coletivo, respeitando as diferenças e valorizando a criação, produção e alimentação de projetos geradores de transformação social. (SCHAUN, 2002, p. 83).

De tal forma, pretendemos: verificar a relevância da informação científica na mídia televisiva universitária; identificar os temas discutidos sobre meio ambiente no Programa Conexão Ciência de acordo com as características do Jornalismo Científico; e destacar a relação entre Jornalismo Científico e as produções de instituições de ensino superior.

Para socializar estas descobertas, temos os meios de comunicação que podem proporcionar à sociedade um maior acesso às informações científicas por meio das contribuições da divulgação e do Jornalismo Científico. São vários os questionamentos sobre o discurso dos pesquisadores e jornalistas na divulgação da Ciência, em que cada um tem sua linguagem e finalidade. O primeiro produz mais para um grupo restrito e o outro tenta atingir o grande público. Assim, independentemente de quem se queira alcançar, a produção do conhecimento científico deve ser transmitida com qualidade na informação. Promover uma cultura científica requer compromisso com o público. De acordo com Oliveira (2005, p.26), “o jornalista e o divulgador de ciência devem ter visão global do desenvolvimento que inclua os aspectos sociais, econômicos e políticos da ciência e tecnologia”.

Dessa maneira, os profissionais que conduzem à informação científica através das tecnologias da informação e comunicação contribuem para a inserção da população nas decisões que envolvem o desenvolvimento do país. O jornalista com visão crítica e interpretativa da ciência prepara com qualidade a informação para o público. A capacidade de traduzir a linguagem científica é um dos pré-requisitos para se atingir a eficácia da comunicação.



Jornalismo não se faz apenas no jornal, mas também no Rádio, na Televisão, na Internet, na Revista e em outros meios de comunicação. O jornalismo vai além, informa, leva ao público notícias, interpretações e opiniões. Segundo Melo, o jornalismo:

[...] é concebido como um processo social que se articula a partir da relação (periódica/oportuna) entre organizações formais (editoras/emissoras) e coletividades (públicos/receptores), através de canais de difusão (jornal/revista/rádio/televisão/cinema) que asseguram a transmissão de informações (atuais) em função de interesses e expectativas (universos culturais e ou ideológicos). (MELO, 1994, p.10),

Para Oliveira (2002, p.17), [...] “o surgimento da imprensa no século XV não só impulsionou a difusão da ciência como também possibilitou o surgimento do Jornalismo Científico no século XVII”. Mesmo a Inglaterra sendo considerada o berço do Jornalismo Científico, quem criou a profissão de jornalista científico foi o alemão Henry Oldenburg. Com o desenvolvimento da Ciência e Tecnologia instigado pela Primeira e Segunda Guerra Mundial houve um crescimento nas atividades jornalísticas nesta cobertura.

Em 1948, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC é criada. O período da ditadura militar também incentivou o desenvolvimento nessa área, sob a premissa positivista de “ordem e progresso”, que tinha no avanço das telecomunicações, por exemplo, um dos seus pilares. E, nos últimos vinte anos, o Jornalismo Científico obteve um avanço significativo no Brasil devido à consolidação da pesquisa científica nacional.

Na tentativa de entender o universo sobre a comunicação científica, Oliveira (2002, p.47) assegura que o jornalismo científico:

[...] não se restringe à cobertura de assuntos específicos de C&T, mas o conhecimento científico pode ser utilizado para melhor compreender qualquer aspecto, fato, ou acontecimento de interesse jornalístico. Assim, a informação científica pode estar presente em qualquer editoria: geral, de política, de economia e até de polícia e de esportes.

Nessa pretensão da comunicação em ressaltar a informação, seu uso, implicações e conseqüências, o Programa Conexão Ciência torna-se parte desse universo de produções que envolve os possíveis conhecimentos científicos.

O Jornalismo Científico brasileiro tem suas publicações especializadas se multiplicando e as produções acadêmicas sobre assuntos referentes à área aumentando.



É a cobertura e mais estudos sobre a ciência e tecnologia. A televisão universitária também é um espaço que propicia a divulgação científica. No entanto, é preciso ocupar esse ambiente com criticidade para os interesses da academia não sobressaírem sobre a realidade do público.

O desenvolvimento da pesquisa como instrumento de alfabetização científica prepara as pessoas para participação na vida política, cultural e econômica em meio à conscientização do progresso científico e tecnológico. A formação do profissional de ciência exige uma postura de comprometimento com uma perspectiva crítica do processo de produção e divulgação do saber científico.

Assim, o Programa Conexão Ciência torna mais um meio de difusão das atividades científicas. A decodificação do discurso científico e/ou jornalístico na popularização do saber necessita de uma literatura ampla e perspicaz quanto ao caráter pedagógico do Jornalismo Científico. As relações entre cientistas e jornalistas carecem sair das suas peculiaridades de autonomia de discursos para contribuir de fato na formação da cultura científica da sociedade.

A prática desse tipo de jornalismo se faz muitas vezes presente na academia como uma oportunidade para estudantes de Comunicação Social conhecer e diferenciar-se dos demais profissionais da área que não abordam as questões da ciência, visto que a instituição integra o universo de pesquisas e possibilita um diálogo mais próximo com o Jornalismo Científico.

### **TV Universitária: Programa Conexão Ciência**

A TV como um dos principais veículos de comunicação de massa atinge com mais facilidade o maior número de telespectadores, potencializando, assim, a interação com as linguagens – seja a fala, a escrita, imagens, os sons - e suas extensões, aguçando sentidos, raciocínio e imaginação.

A TV UFPB foi ao ar pela primeira vez em caráter experimental no dia 30 de janeiro de 2005, retransmitindo a programação do Canal Futura, 22 da BIG TV. Somente a partir do dia 18 de fevereiro, após inauguração oficial realizada no dia anterior, é que a programação local da emissora começou a ser exibida. A TV universitária é resultado de parcerias entre a UFPB, o Canal Futura, a Fundação Roberto Marinho, bancos, iniciativa privada, entidades comunitárias, assessoria de Comunicação



da Instituição e o Departamento de Comunicação do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes - CCHLA.

Criada para levar à sociedade conhecimentos, principalmente desenvolvidos na Instituição, através das produções realizadas por professores, técnicos e alunos, como retransmissora do Canal Futura, a TV UFPB é transmitida através de canal fechado, existindo a possibilidade da concessão para canal aberto. A programação da TV UFPB, ainda em fase de expansão, é formada atualmente por debates, noticiários, divulgação científica, concertos, programas culturais, entre outros.

A emissora é uma das extensões do Pólo Multimídia e é parte fundamental da UFPB, uma vez que é utilizada como um meio de disseminação das experiências realizadas: as notícias, a divulgação da cultura local, as realizações das extensões comunitárias, assim como resultados das pesquisas científicas elaboradas no meio acadêmico.

O programa Conexão Ciência foi idealizado pela professora da UFPB, Edna Brennand, que observou a real possibilidade de produzir o programa, uma vez que a infra-estrutura intelectual, por assim dizer, já existia. Tal projeto vinha sendo trabalhado dois anos antes da inauguração da TV UFPB, em 2005, e foi ao ar em março desse mesmo ano, com o objetivo de divulgar e disseminar as pesquisas realizadas pelos acadêmicos a fim de tornar comum os conhecimentos e as práticas de pesquisas.

Inicialmente a equipe era formada por doze pessoas, sendo nove da área de Comunicação, onde começaram a pensar a divulgação e o jornalismo científico visando construir um programa com as características da universidade e oferecer visibilidade às pesquisas da Instituição para a sociedade. Atualmente, o programa é formado por integrantes do Grupo de Estudo de Divulgação Científica – GEDIC, e técnicos da TV UFPB, sob direção geral da professora-doutora Olga Tavares. A apresentação é feita pelo jornalista e doutor em Educação, Washington Medeiros. E cada programa tem a duração aproximada de 30 minutos, dividido em três blocos, sendo gravado no estúdio de televisão do Decom.

O desenvolvimento das atividades do Conexão Ciência vai desde o levantamento das pesquisas desenvolvidas na Instituição até o momento da sua exibição. Inicialmente é feito o contato com o (a) pesquisador (a) através da equipe de produção. Realizadas tais etapas, confirma-se a participação do entrevistado certificando a entrega do material da pesquisa do docente. A partir disso, com o material em mãos, as pauteiras passam por um processo de leitura do texto e o início das suas anotações, formulando desse



modo as questões que serão inseridas no script juntamente com a introdução do tema, a apresentação do pesquisador e a conclusão da entrevista.

As pautas elaboradas têm um caráter de JC, pois tenta, através da linguagem das entrevistas sobre as produções da comunidade científica, trazer para o público um maior entendimento da Ciência, bem como desenvolver a prática do JC entre os estudantes na universidade. Dessa forma, populariza-se a produção científica da UFPB e de outras instituições paraibanas em um projeto de interdisciplinaridade discente.

### **Abordagem da Temática Ambiental no Conexão Ciência**

A ecologia definiu-se como ciência e tema filosófico na década de 30 do século XX. Já na década de 60 e 70 percebia-se um crescente processo de ecologização da sociedade que evidenciou as agressões quanto ao planeta. Ao passar dos anos o processo de degradação do meio se intensificou e as preocupações com as conseqüências do uso desregrado dos recursos naturais aumentaram.

Entre as diversas acepções do termo ecologia, destacamos duas correntes: a Ecologia profunda e a Ecologia convencional. A primeira com o ser humano como parceiro da natureza. E a segunda como figura central do processo ambiental e explorador consciente do meio. Segundo afirma Ronilson Paz:

Quando a Ecologia convencional olha um rio, ela quer saber se o rio é navegável, se a água é potável. Essa Ecologia convencional busca um desenvolvimento sustentável e não deve ser desprezada. A Ecologia Profunda vê mais além. Ela considera o valor da Natureza por si mesma, independente da utilidade que ela tem para o ser humano. (PAZ, 2006, p. 27).

A atual condição na qual a natureza se encontra pode nos levar a refletir sobre o posicionamento do homem com relação as suas ações quanto ao meio ambiente. Uma vez que a visão reducionista do mundo colocava a natureza como um objeto que deveria ser dominado para servi-lo livremente. Seguindo a evolução do pensamento social, verificamos o início de uma mudança de postura frente à questão ambiental, bem como sua relação com o meio, como afirma Fritjof Capra:

O novo paradigma pode ser chamado de uma visão de mundo holística, que concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas. Pode também ser denominado visão ecológica, se o termo "ecológica" for empregado num sentido mais amplo e mais profundo que o usual. A percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os



fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (e, em última análise, somos dependentes desses processos). (CAPRA, 1991, p. 25).

No entanto, esse despertar para uma visão ecológica não resultou em ampla educação ambiental propriamente dita, ou seja, não se estabeleceu de fato na nossa sociedade. A cultura consumista, a expansão tecnológica, o próprio crescimento social e outros fatores convergiram para a afirmação de uma alienação ecológica. Em virtude disso, a real constatação de graves problemas ecológicos, resultantes da postura do homem frente à natureza, foi insuficiente para que fossem tomadas as medidas necessárias à instauração de uma efetiva educação ambiental da sociedade.

O Jornalismo Ambiental surge na imprensa como reflexo da preocupação social acerca das questões ambientais. Por isso, a história desta especificidade do jornalismo se confunde com a história do despertar da sociedade (das autoridades) para os problemas ecológicos oriundos da ação humana na natureza. As conferências ambientais insuflaram o meio jornalístico a escrever sobre temáticas ambientais tanto para reportar à sociedade as discussões realizadas em tais eventos, como para situá-la acerca da importância destes.

Na França, a primeira instituição de jornalismo ambiental do país foi criada após ter ocorrido a Conferência da Biosfera (1968 – Paris). No Brasil, ainda no mesmo período, o precursor do jornalismo ambiental de nosso país, Randau Marques, é preso em 1968 – quando o Brasil se encontrava sob o regime ditatorial - pela Operação Bandeirantes, ao escrever uma matéria-denúncia, num jornal da cidade de Franca (SP), que relatava a morte de pessoas por intoxicação de agrotóxicos e contaminação com chumbo. Outras conferências, como a de Estocolmo e a Rio-92, contribuíram, igualmente, para o aumento do número de jornalistas brasileiros especializados na temática ambiental.

Em virtude do modo como as questões ambientais são abordadas pela mídia em geral, verificamos o aumento da responsabilidade dos jornalistas científicos na produção midiática de temáticas ambientais, ou seja, no conteúdo produzido por esse tipo de jornalismo. Frequentemente, a grande mídia noticia matérias relacionadas ao meio ambiente quando surgem grandes descobertas científicas nesta área, na ocorrência de catástrofes naturais de amplas proporções, ou ainda quando tais questões interferem diretamente na economia de um ou mais países. Não existindo a preocupação legítima



com a elucidação da população acerca do caminho que vem sendo trilhado pela comunidade científica, incorrendo na omissão de informações indispensáveis para que haja uma reflexão sobre as produções científicas, inviabilizando assim a construção coletiva de um pensamento crítico.

Neste sentido, enfatizamos a importância do papel do jornalista científico, especialmente do ambiental, para a sociedade. Segundo acepção do Dicionário Aurélio, meio ambiente é “*o conjunto de condições e influências naturais que cercam um ser vivo ou uma comunidade (5) e que agem sobre ele(s)*”, então, não deveria ser necessário discorrer profundamente sobre quão é relevante estar ciente sobre as alterações ou as descobertas da ciência referentes ao meio no qual vivemos e do qual dependemos para a existência. Entretanto, nos deparamos com o fato de que a educação ambiental em nível mundial ainda está muito aquém do ideal e esta situação se agrava em países subdesenvolvidos.

Ainda com pouco espaço na mídia brasileira, sobretudo na televisão, devido a razões políticas e econômicas inerentes ao próprio modelo adotado pela televisão em nosso país, o Jornalismo Científico encontra na academia seus maiores incentivos. Para uma melhor compreensão do jornalismo realizado no Programa Conexão Ciência, propomos a partir dele executar uma análise comparativa de aspectos do JC com base numa seleção de pautas, uma vez que não se trata de um produto exclusivamente voltado às temáticas ambientais.

Nessa perspectiva, empreenderemos uma pesquisa exploratória acerca da abordagem dada aos temas relacionados ao meio ambiente através de pautas do Programa Conexão Ciência que é veiculado numa TV universitária, segundo o exposto.

*Quadro I. Pautas selecionadas para uma primeira análise incluída nesse estudo.*

<b><i>CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA</i></b>		
<b>PESQUISADOR</b>	<b>DEPARTAMENTO/ PÓS-GRADUAÇÃO</b>	<b>TEMA</b>
Prof. Dr. Manoel Francisco Gomes Filho	Departamento de Ciências Atmosféricas da Universidade Federal de Campina Grande (DCA/CCEN/UFCG).	<i>1. Aumento do Oceano Atlântico nas proximidades da Costa do Nordeste Brasileiro</i>
Prof. Dra. Rosa Maria Veiga Leonel	Departamento de Sistemática e Ecologia-DSE/UFPB.	<i>2. Biodiversidade das piscinas naturais da praia do Cabo Branco</i>
<b><i>CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES</i></b>		
<b>PESQUISADOR</b>	<b>DEPARTAMENTO/ PÓS-GRADUAÇÃO</b>	<b>TEMA</b>





Prof. Dr. Fernando Roberto Barros Patriota	Departamento e da Pós-Graduação de História da UFPB.	<i>3.Redenção e miragem na indústria do caroá: crescimento auto-sustentado no sertão do Nordeste (1932/1960)</i>
<b>INSTITUTO NACIONAL DO SEMI-ÁRIDO CELSO FURTADO</b>		
Prof.Dr. Manoel Dantas Vilar Filho	Diretor do Instituto Nacional do Semi-árido Celso Furtado	<i>4.As políticas públicas desenvolvidas pelo Instituto Nacional do Semi-árido Celso Furtado</i>

Como já dito, o script que soma três blocos incluem apresentação do tema, do entrevistado, as perguntas e a conclusão. A partir dessa compreensão da entrevista elaborada para o programa, levantamos o número de pautas relacionadas à temática ambiental, o que resultou num total de quatro pautas construídas, entre elas as perguntas elaboradas para cada tema apresentam: 1. 16 perguntas; 2. 18 perguntas; 3. 13 perguntas; 4.16 perguntas. As perguntas produzidas para o programa ficam entre 16 a 18 questões por script, o que não significa que todas são utilizadas no momento da entrevista.

Nesta breve análise, selecionamos entre as pautas observadas, a pesquisa Biodiversidade das Piscinas Naturais da praia do Cabo Branco desenvolvida pela Professora Dra. Rosa Maria Veiga Leonel, do Departamento de Sistemática e Ecologia-DSE da UFPB. Tal escolha também se deu ao fato de a pesquisa ser do âmbito da UFPB e aplicada somente na Paraíba. A seguir, ampliaremos a análise desta pauta sobre meio ambiente com base nas características do JC e das técnicas de entrevistas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como observamos, nas discussões acerca do discurso científico e do discurso jornalístico verifica-se a diferença entre eles, colocando o primeiro com trabalhos voltados a um grupo mais específico, e o segundo na tentativa de atingir um público maior. Dessa forma, tomemos como base para a análise das pautas os tópicos abaixo com as características da escrita jornalística e em específico do JC com base nas colocações de Oliveira (2002).

A escrita jornalística dever ser:

- Coloquial, amena, atraente, objetiva, simples, rápida e efêmera. O texto deve ser enxuto, sintético;

O Jornalismo Científico compreende:



- Conhecimento de técnicas de redação;
- Familiaridade com os procedimentos da pesquisa científica;
- Conhecimentos de história da ciência, de política científica e tecnológica;
- Atualização constante sobre os avanços da ciência;
- Contato com as fontes (Comunidade Científica);
- Uso e abuso de metalinguagem para aproximar o público das informações científicas;

Entre as classificações dos gêneros jornalísticos no Brasil destacamos a proposta de Melo (1994), que apresenta as categorias de jornalismo informativo e jornalismo opinativo. Na primeira categoria são inseridos os seguintes gêneros: Nota, Notícia, Reportagem, Entrevista. Já na segunda: Editorial, Comentário, Artigo, Resenha, Coluna, Crônica, Caricatura e Carta. A entrevista como gênero do jornalismo informativo, na qual caracteriza o objeto de nossa análise, é definida por Melo (1994, p. 49) como “um relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-lhes um contato direto com a coletividade”.

Assim sendo, a informação científica destriçada na entrevista construída passa a ser observada pelo Jornalismo Científico, destacando as produções de instituições de ensino superior. De acordo como Bonasio (2002, p.37), a introdução atrai audiência, estabelece o assunto e o estilo do programa, o corpo do programa segura e aumenta o interesse do telespectador e o encerramento deve terminar como um senso de coisa completa para o público.

Pauta analisada: *Biodiversidade das Piscinas Naturais da praia do Cabo Branco*. Pesquisadora Dra. Rosa Maria Veiga Leonel do DSE da UFPB.

- Primeira parte do script- *Apresentação do tema e do entrevistado*

#### *Apresentação do tema*

A apresentação traz a descrição do local observado na pesquisa: a praia do Cabo Branco, posteriormente o local em que as macroalgas são encontradas, a informação que os invertebrados vivem sobre as macroalgas e como denominam esse *habitat*, trazendo o termo fital. Finaliza a introdução do tema com a ênfase no crescimento de estudos sobre fitais e a pesquisa realizada no litoral paraibano através do Projeto de Pesquisa sobre a biodiversidade existente na Praia do Cabo Branco.



Nesta descrição sobre o tema que será abordado na entrevista, observamos a preocupação em apresentar o esclarecimento do termo fital numa tentativa de aproximar o público dessa informação científica de forma objetiva. Porém, a linguagem utilizada mesmo na introdução ainda requer algumas explicações dos termos no seguinte trecho: a presença de macroalgas é detectada nas inúmeras poças e piscinas formadas durante a *baixamar*, sobre as rochas da região de *entre-marés* e nos extensos tapetes que forram o *infralitoral*. Iremos verificar se estas possíveis explicações são contempladas durante o desenvolvimento da entrevista.

#### *Apresentação do entrevistado*

As formações acadêmicas da pesquisadora são apresentadas, as principais atuações profissionais e atuais, o centro a qual está ligada e os projetos que está envolvida na Instituição.

- Segunda parte do script - *desenvolvimento da entrevista*

Como parte fundamental do desenvolvimento do roteiro, as perguntas são elaboradas de acordo com o material fornecido pelo pesquisador. Geralmente é a tese e/ou algum trabalho atual relacionado à pesquisa. O script desenvolvido tem uma flexibilidade quanto ao envolvimento do próprio pesquisador na construção da pauta que servirá para gravação do programa, ou seja, pode ser vista antes da entrevista e se necessária ajustada por ele. Uma característica marcante do Jornalismo Científico. Nesta análise observamos que os três blocos contêm 18 questões construídas para atender ao tema escolhido.

As primeiras perguntas, uma média de seis questões, formam o primeiro bloco e se destinam a situar o público acerca do tema a ser discutido, estando direcionadas para aspectos mais elementares da investigação como o porquê da pesquisa, onde foi desenvolvida e a descrição do objeto de estudo e sua influência por fatores ambientais. Verificamos que o uso do termo fital permanece ao longo da pauta de forma que para uma melhor compreensão ele poderia ter sido substituído por habitat.

No segundo bloco, há uma ênfase nos organismos que vivem nas algas analisadas e no que compõem esses habitats, estudados na praia do Cabo Branco. Indicando, assim, quais os invertebrados encontrados, quantas espécies já foram identificadas, quais os grupos predominantes, especificando tamanho e a metodologia



utilizada na pesquisa em campo. Percebemos certa familiaridade com os procedimentos da pesquisa científica uma vez que a linguagem se mostra de fácil entendimento.

No terceiro bloco estabeleceu-se uma seqüência sobre a interferência dos fatores ambientais na vida dos fitais/habitat, a comparação entre os resultados obtidos entre os fitais de entre-marés e o do infralitoral instigando-a ao esclarecimento destes termos. Havendo destaque para a importância da pesquisa para a cadeia alimentar marinha, os especialistas nela envolvidos, e finalizando com as expectativas referentes a este campo de estudo no litoral paraibano.

- Terceira parte do script - *conclusão do tema*

Constatando um texto mais enxuto só para finalizar o tema que foi discutido sendo voltado, diretamente, para o telespectador. Na retrospectiva, citam alguns pontos da entrevista como a vida marinha e o modo como os invertebrados podem utilizar as algas como abrigo, berçário, alimento e refúgio. E destaca a participação dos fitais/habitat como elementos fundamentais na manutenção do equilíbrio ecológico marinho. Esse direcionamento para o público o instiga a uma reflexão da importância e funcionalidade do tema abordado, contribuindo na formação de uma educação ambiental.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nessa breve análise das pautas ambientais em que destacamos o Programa Conexão Ciência, entendemos que a TV UFPB possibilita ao projeto envolver-se num espaço que literalmente deve ser um canal em que participantes possam integrar-se ao processo de Educomunicação nas atividades de discussão sobre as pesquisas científicas.

Sendo a universidade o maior foco de produção do conhecimento científico e também a instituição que mais incentiva a divulgação deste, atualmente, é inerente à TV Universitária o compromisso com a propagação de conhecimento, informação e cultura. Neste sentido, cabe ao Programa Conexão Ciência o papel de propiciar à comunidade acadêmica da UFPB um pouco do saber científico nela produzido.

No que tange ao jornalismo ambiental, ao abordar os temas relacionados com o meio ambiente, o Programa Conexão Ciência se coloca como um colaborador no que diz respeito à promoção da educação ambiental do seu público. Embora não seja originalmente um representante dessa especificidade do jornalismo, atua de forma



relevante no quesito esclarecimento, uma vez que, ao levar o conhecimento de pesquisas científicas sobre meio ambiente, está comunicando seu público de noções que cooperam na criação de uma consciência ecológica muito mais abrangente. O caso estudado é emblemático nesse sentido, pois demonstra o quão importante é a preservação de ecossistemas como os fitais que abrigam seres pequenos no tamanho, mas gigantes no que diz respeito ao papel que desempenham no equilíbrio do ecossistema que o comporta.

Como proposta, sugerimos a reflexão sobre a comunicação audiovisual, com ênfase no Jornalismo Científico desenvolvido no Programa Conexão Ciência, na relação com os temas tratados sobre meio ambiente. A comunicação audiovisual possibilita um alcance maior ao telespectador, apesar da restrição de um canal fechado, que ainda não permite atingir com mais exatidão os objetivos propostos pelo Programa Conexão Ciência. Mesmo assim, a importância da informação científica na mídia televisiva universitária compõe o quadro de tornar a Ciência conhecida ao público, pois, durante este período de existência do programa, já se criou uma audiência cativa na e fora da UFPB.

Identificar as temáticas ambientais no programa, juntamente com a estrutura do JC, mostra que a mídia pode “explorar” mais as pesquisas desta área e trabalhar não só a questão com o meio ambiente, porém com outros temas na perspectiva de um Jornalismo Científico produzido para a TV. Ainda não atingindo todas as intenções contidas no JC, o Programa Conexão Ciência apreende particularidades deste tipo de jornalismo, pois busca aprimorar sua dinâmica através das entrevistas com pesquisadores de forma que o público entenda o que está sendo discutido. Embora o programa seja mais voltado para a comunidade acadêmica, sempre há necessidade de o estudante ter familiaridade com os procedimentos da pesquisa científica para iniciar suas produções. O contato com as fontes (Comunidade Científica) é realizado principalmente na UFPB quanto ao levantamento dos possíveis pesquisadores e temas que serão abordados no Programa Conexão Ciência e, sobretudo, quanto aos temas das teses dos entrevistados.

Destarte, concluímos que o incentivo para o aumento da produção midiática sobre pesquisas e questões relacionadas ao meio ambiente aconteça não apenas nas Instituições de Ensino Superior, mas também nos meios de comunicação de massa. Que a mídia, a ecologia e a sociedade sejam pontos observados, debatidos de forma crítica no Jornalismo Científico e com possíveis ações para uma educação ambiental. A



temática meio ambiente já tem possíveis pautas para este ano como: a pesquisa sobre a gestão de recursos hídricos no Brasil e na Paraíba desenvolvida pelo professor-doutor Tarciso Cabral; sobre a Comunicação e Educação Ambiental na BR-101 coordenada pelo professor-doutor Wellington Pereira; e as pesquisas apresentadas no Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – Prodepa da UFPB/UEPB; entre outras.

## REFERÊNCIAS

BONASIO, Valter. **Televisão: manual de produção & direção**. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2002.

BUENO, Wilson da Costa. Os novos desafios do jornalismo científico. **Contexto: Comunicação e Pesquisa**. 2002. Disponível em: <http://www.contexto.com.br>. Acesso em: 10 abril. 2008.

\_\_\_\_\_. Jornalismo ambiental: navegando por um conceito e por uma prática. **Portal da Comunicação em Agribusiness e Meio Ambiente**. São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.ecoviagem.com.br>. Acesso em: 12 março. 2008.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. Trad. Newton R. Eicheberg. São Paulo: Ed. Cultrix, 2004.

KURAMOTO, Hélio (Org). **Informação científica: proposta de um novo modelo para o Brasil**. 2006.

KRIEGHBAUM, Hillier. **A ciência e os meios de comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Edições Correio da Manhã, 1970.

LOUREIRO, José Mauro Matheus. Museu de ciência, divulgação científica e hegemonia. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 88-95, jan./abr. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n1/15976.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2008.

MATTELART, Armand e Michele. **História das teorias da comunicação**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MEADOWS, Arthur Jack. **A comunicação científica**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/ Livros, 1999.



MELO, José Marques de Melo. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MORAIS, Regis de. **Educação, mídia e meio ambiente**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2004.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo científico**. São Paulo: Contexto, 2005.

PAVANI, Ana M B. **A produção científica disponível ao mundo: a tecnologia, a vontade e os acessos**. Scientific information: technology, will and access. 2007.

PAZ, Ronilson José (Org). **Fundamentos, reflexões e experiências em educação ambiental**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2006.

SAMPAIO, Maria da Penha Franco. **Canais de comunicação e divulgação: fatores que afetam o uso pelos pesquisadores do CCEN/UFPE**. Estudo Exploratório. 1996. 147f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 1998.

SCHAUN, Angela. **Educomunicação: reflexões e princípios**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

TARGINO, M.C. Novas tecnologias e produção científica: uma relação de causa e efeito ou uma relação de muitos efeitos? **DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação**, v.3, n.6, dez. 2002. Disponível em: [http://www.dgz.org.br/dez02/Art\\_01.htm](http://www.dgz.org.br/dez02/Art_01.htm). Acesso em: 06 jul. 2007.

VILAS BOAS, Sérgio (Org). **Formação e informação científica: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2005.